

# A EXPRESSIVIDADE DAS CRIAÇÕES LEXICAIS ESTILÍSTICAS FORMADAS POR DERIVAÇÃO SUFIXAL

Elis de Almeida CARDOSO\* (USP)

**RESUMO:** Por meio dos pressupostos teóricos que vêem os processos de formação de palavras como uma parte da estrutura lingüística que extrapola os limites da Morfologia e da Lexicologia, será possível atingir o objetivo central do presente trabalho: estudar o comportamento semântico e a expressividade das criações lexicais estilísticas formadas por derivação sufixal, partindo-se do significado das partes (base e sufixo) e chegando-se a seu significado no contexto. Pretende-se mostrar que as lexias estilísticas, ao se manifestarem no discurso, apresentam um significado exclusivo daquela situação de enunciação.

**ABSTRACT:** According to the theoretical presuppositions which consider the word formation as a part of the linguistic structure that extrapolates the limits of Morphology and Lexicology, it will be possible to reach the principal purpose of this paper: to study the semantic behavior and the expressiveness of the stylistic lexical creations formed by suffixal derivation, starting from the meaning of the parts (base and suffix) and coming to their meaning in the context. We intend to show that the stylistic lexical unities, occurring in a discourse, present a meaning exclusive to that enunciation situation.

## 1. Introdução

Guilbert (1975, p.40-44) define dois tipos diferentes de criações lexicais, que poderiam ser chamados de *neologia denominativa* e *neologia estilística*.

Para o autor, o primeiro tipo de neologia estaria mais ligado à necessidade e não à simples vontade de criar, de inovar no plano da língua. Trata-se de um tipo de criação voltado apenas para a eficácia, e não para o aspecto estético. A neologia de denominação visa à adequação entre o nome e o objeto ou conceito, evitando ambigüidades. Elementos greco-latinos ou palavras estrangeiras (sobretudo provenientes da língua inglesa) são largamente utilizados para as criações denominativas cujo principal objetivo é difundir em uma comunidade lingüística o novo nome de um de um dado objeto.

A outra forma de criação lexical apontada por Guilbert baseia-se na expressividade da própria palavra ou da frase, não com o objetivo de mostrar idéias originais de uma maneira totalmente nova, mas de exprimir de uma maneira inédita uma visão pessoal do mundo. Trata-se da forma de criação poética pela qual se pode fabricar uma nova lexia ou dar a uma lexia já formada uma significação diferente do sentido amplo e conhecido. Essa forma de criação está ligada à originalidade de expressão do indivíduo criador, à sua facilidade para criar, à sua liberdade de expressão, deixando de lado os modelos conhecidos ou até mesmo indo contra eles. Esse tipo de criação, diz Guilbert (1975, p.41), é próprio de todos aqueles que têm alguma coisa a dizer e querem usar, para isso, suas próprias palavras, suas combinações de palavras. É um recurso característico dos escritores.

Embora possam ser formadas por diferentes processos neológicos, as criações lexicais estilísticas comumente obedecem às regras de formação de palavras e, majoritariamente, são formadas por derivação e composição. A derivação sufixal é um processo bastante produtivo na formação de novas lexias, pois o sufixo, além de dar à palavra a que se associa um novo significado, com freqüência altera-lhe a classe gramatical. Na grande maioria das vezes, entretanto, atribui-se ao sufixo apenas um valor gramatical, não se levando em conta seu valor semântico.

Por meio dos pressupostos teóricos que vêem os processos de formação de palavras como uma parte da estrutura lingüística que extrapola os limites da Morfologia e da Lexicologia, será possível atingir o objetivo central do presente trabalho: estudar o comportamento semântico e a expressividade das criações lexicais estilísticas formadas por derivação sufixal, partindo-se do significado das partes (base e sufixo) e chegando-se a seu significado no contexto. Pretende-se mostrar que as lexias estilísticas, ao se manifestarem no discurso, apresentam um significado exclusivo daquela situação de enunciação.

---

\* elisdacar@yahoo.com

## 2. A expressividade das criações lexicais estilísticas

Os processos de formação de palavras objetivam fundamentalmente o enriquecimento do léxico de determinada língua. Entretanto, não se pode negar que atendem também às necessidades expressivas. Muitas vezes, uma nova palavra é utilizada muito mais com valor expressivo do que com o objetivo apenas de suprir uma lacuna existente no léxico.

Segundo Martins (1997, p.113),

a partir do século XIX, ficcionistas e poetas, de Portugal e do Brasil, passaram a explorar mais intensamente o léxico virtual, reunindo radicais e afixos em novas formas. No Modernismo acentua-se o gosto pelos neologismos derivados e compostos, chegando-se ao auge com Guimarães Rosa.

As criações lexicais são estudadas pela neologia que, segundo Barbosa (1981, p.79), “constitui, ao mesmo tempo, uso e subversão do código, reconhecimento e transgressão da norma; *é, pois, criatividade governada por regras, é criatividade que muda as regras*”.

Aproveitar o léxico e enriquecê-lo, eis a fórmula utilizada por muitos poetas.

Quando se inicia o estudo da expressividade das palavras lexicais, percebe-se que muitos autores se preocupam com o caráter afetivo das palavras e as consideram como unidades estilísticas. Entretanto, além de algumas palavras serem mais ou menos expressivas que outras, é preciso perceber que determinados morfemas formadores de palavras carregam também expressividade e um conjunto de palavras que surgem na língua pelo mesmo processo e que apresentam um conjunto mórfico semelhante podem ser também semelhantes em termos de expressividade.

Na escrita artística, diz Cressot, (1976, p.87-88), um sufixo insuficientemente expressivo pode ser substituído por outro (*esplendoroso - esplendífico*), o prefixo pode substituir uma forma de superlativo (*hiper-feliz - felicíssimo*). Para o autor, a renovação das expressões é talvez mais importante do que a construção de novas palavras. A renovação pode ocorrer tanto com o uso de metáforas, como também na modificação da ordem dos termos de um composto, particularmente sensível no grupo adjetivo-substantivo.

Embora apresentados por Guilbert como especialistas da criação lingüística, convém lembrar que nem todos os escritores são criadores lingüísticos. É importante mencionar a diferença entre criação artística, criação literária e criação lingüística. O texto pode ser literário e artístico sem conter criações lingüísticas. Há autores criadores; outros produzem textos riquíssimos sem, entretanto, criar.

As criações literárias englobam todas as formas novas que aparecem na imprensa escrita e também em textos escritos lidos no rádio ou televisão. A expressão literária constitui um nível particular da língua, que se opõe a outros níveis. Nela a fantasia verbal para a criação é mais livre. Embora seja possível, é mais difícil uma criação poética vir a fazer parte do léxico da língua. Continuará sendo, na maioria das vezes, uma lexia virtual que se presta àquele momento específico, àquela obra específica, àquele autor específico.

A criação lexical estilística marca seu autor e sua época. Segundo Barbosa (1981, p.77-78):

Ao contrário do que sucede com a transformação fonética e a mutação do sistema gramatical, cuja origem se situa indistintamente na coletividade, a criação lexical deve ser situada, por um lado, **numa determinada época**, em virtude de sua pertinência à história do léxico, ligada à história da sociedade, e por outro, vista **em função da individualização** das criações feitas por locutores identificados na comunidade lingüística (grifos nossos).

Dessa forma, as formações literárias são, via de regra, palavras abstratas, diferentemente, na maioria das vezes, das que surgem na língua padrão e dos tecnologismos. Essas criações lexicais trazem ao texto um efeito especial porque fogem do uso comum da língua e ganham vida em um momento exclusivo.

## 3. A expressividade das criações formadas por derivação sufixal

A derivação sufixal é um processo extremamente produtivo na formação de novos vocábulos. Os sufixos podem ser classificados em verbais ou nominais. Há também o sufixo adverbial *-mente*, que se une a uma base adjetiva no feminino, formando um advérbio que exprime idéia de qualidade, de quantidade ou medida, ou de relação de tempo ou lugar.

Dentre os sufixos verbais, *-ar* e *-izar* são, sem dúvida, os mais produtivos na formação de unidades lexicais neológicas. Unem-se a bases substantivas ou adjetivas, formando um verbo resultante, na maioria

das vezes, de uma frase de base em que se tem verbo + objeto direto (substantivo), ou verbo + predicativo do sujeito (adjetivo): *dar piruetas = piruetar; tornar feminino = feminilizar*.

Dentre os sufixos nominais, citam-se os formadores de adjetivo, os formadores de substantivo e, ainda, os aumentativos e diminutivos.

Dos sufixos formadores de adjetivos, há os que se agregam a bases verbais, como *-vel*, e os que se agregam a substantivos, como *-oso*. Dos formadores de substantivos, há os que se agregam a bases verbais, como *-mento*, *-ção*, os que se agregam a bases adjetivas, como *-idade*, e os que se agregam a substantivos como *-eiro*. Os sufixos aumentativos e diminutivos têm valor muito mais expressivo do que morfológico.

Para exemplificar de que maneira um poeta pode conseguir expressividade com as criações lexicais estilísticas formadas por derivação sufixal, selecionamos para análise o poema *Caso pluvioso*, de Carlos Drummond de Andrade.

A chuva me irritava. Até que um dia  
descobri que maria é que chovia.

A chuva era maria. E cada pingo  
de maria ensopava o meu domingo.

E meus ossos molhando, me deixava  
como terra que a chuva lava e lava.

E eu era todo barro, sem verdura...  
maria, chuvosíssima criatura!

Ela chovia em mim, em cada gesto,  
pensamento, desejo, sono, e o resto.

Era chuva fininha e chuva grossa,  
matinal e noturna, ativa... Nossa!

Não me chovas, maria, mais que o justo  
chuveiro de um momento, apenas susto.

Não me inundes de teu líquido plasma,  
não sejas tão aquático fantasma!

Eu lhe dizia - em vão - pois que maria  
quanto mais eu rogava, mais chovia.

E chuvinhando atroz em meu caminho,  
o deixava banhado em triste vinho,

que não aquece, pois água de chuva  
mosto é de cinza, não de boa uva.

Chuvadeira maria, chuvadonha,  
chuvinhenta, chuvil, pluvimedonha!

Eu lhe gritava: pára! e ela, chovendo,  
poços d'água gelada ia tecendo.

Choveu tanto maria em minha casa  
que a correnteza forte criou asa

e um rio se formou, ou mar, não sei,  
sei apenas que nele me afundei.

E quanto mais as ondas me levavam,  
as fontes de maria mais chuvavam,

de sorte que com pouco, e sem recurso,  
as coisas se lançaram no seu curso,

e era o mundo molhado e sovertido  
sob aquele sinistro e atro chuvido.

Os seres mais estranhos se juntando  
na mesma aquosa pasta iam clamando

contra essa chuva, estúpida e mortal  
catarata (jamais houve outra igual).

*Anti-petendam* cânticos se ouviram.  
Que nada! As cordas d'água mais deliram,

e maria, torneira desatada,  
mais se dilata em sua chuvarada.

Os navios soçobram. Continentes  
já submergem com todos os viventes,

e maria chovendo. Eis que a essa altura,  
delida e fluida a humana enfibratura,

e a terra não sofrendo tal chuvência,  
comoveu-se a Divina Providência,

e Deus, piedoso e enérgico, bradou  
Não chove mais, maria! - e ela parou.

O sufixo *-ar* é um dos mais produtivos na formação de verbos a partir de nomes. À medida que a língua vai sentindo necessidade de um novo verbo, existe a possibilidade de criá-lo. Daí de *disco*, *discar*, de *telefone*, *telefonar*, de *âncora*, *ancorar*. O verbo indica geralmente a prática de ação da base que o originou, mas pode ganhar uma nova conotação. Dentre formações mais recentes, pode-se destacar algumas ligadas

sobretudo ao universo político, com uma conotação crítica, ou satírica como, por exemplo, de *Lula, lular*, de *tucano, tucanar*. Percebe-se, assim, que verbos podem ser formados a partir de substantivos próprios ou comuns, ou de adjetivos.

*Chovar* e *chuveirar* são dois verbos criados pelo autor, em *Caso pluvioso*, como formas variantes de *chover*. O objetivo do poeta, nesse texto, é mostrar a intensidade da chuva (maria) que o afoga completamente. CDA faz, na verdade uma gradação entre *chover* ⇒ *chovar* (*chuva* + -ar) ⇒ *chuveirar* (*chuva* + -eiro = *chuveiro* + -ar):

“E quanto mais as ondas me levavam,  
as fontes de maria mais chuvavam,”

“E chuveirando atroz em meu caminho,  
o deixava banhado em triste vinho,”

Dentre os sufixos nominais formadores de adjetivo, o sufixo *-eiro*, segundo Said Ali (1964, p.241), apresenta várias significações, dentre as quais: *o que exerce certo ofício; o que apresenta certo tipo de comportamento; local; ato ou efeito*. O dicionário *Aurélio* apresenta *-deiro* como uma forma equivalente.

No poema, encontra-se a criação *chuvadeira*. É interessante perceber que a forma *-deiro(a)* origina substantivos provenientes de verbos: *encerar* ⇒ *enceradeira*, *lavar* ⇒ *lavadeira*, *gelar* ⇒ *geladeira*, *chovar* ⇒ *chuvadeira*.

Procurando adjetivos para se referir à chuva que não pára, CDA vai criando formações sufixais a partir do tema chuva, numa tentativa de obter uma gradação e ofender *maria* (a chuva).

“Chuvadeira maria, chuvadonha,  
chuvinhenta, chuvil, pluvimedonha!”

Depois da criação do verbo *chovar*, o poeta forma o adjetivo *chuvadeira*, referindo-se à chuva que *chuva* sem parar. O adjetivo dá a idéia, sem dúvida, de ação repetida.

O sufixo *-onho* forma adjetivos de substantivos: *medo* ⇒ *medonho*, *riso* ⇒ *risonho*. No poema, a criação neológica *chuvadonha* lembra que o poeta se refere à chuva, degradando-a. Dessa forma, o sufixo passa a ter uma carga extremamente negativa no contexto. Pode-se dizer, também, que a presença da consoante /d/ na formação de *chuvadonha* (*chuva* + (*d*)*onha*), remete o leitor ao adjetivo *medonha*. Em *medonha*, entretanto, o *d* faz parte do radical {*med*}. Seria o mesmo tipo de analogia, citado por Kehdi (1990, p.38), que ocorre em *cafeteira/leiteira*. Em *cafeteira*, percebe-se a presença da consoante de ligação /t/. Em *leiteira* o /t/ faz parte do radical {*leit*}. Essa analogia faz com que, em *chuvadonha*, se tenha realmente a idéia de uma chuva *medonha*.

O sufixo *-ento* (ou *-lento*) indica *provido ou cheio de; que tem o caráter de: vírus* ⇒ *virulento*. Esse sufixo dá aos adjetivos uma carga negativa devido a seu caráter pejorativo; daí, *nojento, pestilento*. É exatamente essa idéia que CDA quer passar com a criação de *chuvinhenta* = [*chuva* + *-inha*] + *-enta*. Drummond quer obter adjetivos que ofendam a chuva, numa escala ascendente. A partir do tema *chuva* ele usa o diminutivo *chuvinha*, com caráter negativo, e a partir de *chuvinha* forma *chuvinhenta*.

O sufixo *-il* pode indicar lugar: *cabril, canil, covil, gatil*; relação: *meninil, mulheril, senhoril*; aumentativo: *corpanzil*; diminutivo: *colheril*; produtos químicos: *acetil, benzil*. Além disso, é extremamente produtivo para formar nomes-fantasia, ligados ao universo da propaganda. Em *Caso pluvioso*, encontramos outra formação com o sufixo *-il*. Trata-se do neologismo *chuvil*.

Não podemos afirmar com segurança se, realmente, nesta palavra, à base *chuva* foi acrescentado o sufixo *-il*, uma vez que temos agora um adjetivo. Tende-se mais facilmente a enxergar em *chuvil* um amálgama entre *chuva* e *vil*, mesmo porque o objetivo do poeta é ofender a chuva.

O sufixo *-íssimo* é extremamente produtivo na formação de adjetivos superlativos e o objetivo, com seu uso, é exagerar e enfatizar. Com o sufixo *-íssimo*, encontramos no poema *chuvosíssima*. Nessa ocorrência, verifica-se a ponta da ironia drummondiana obtida com o exagero do sufixo.

O sufixo *-ência*, formador de substantivo, é equivalente a *-ença* e dá a idéia de ação ou resultado da ação; qualidade, estado. O substantivo *chuvência* refere-se ao resultado da ação provocada pela chuva.

CDA, em lugar de utilizar um substantivo dicionarizado para se referir à chuva forte e abundante, como *chuvada, chuvão, chuvarada, chuveirão*, ou *toró*, cria o substantivo *chuvência* (*chuva* + *-ência*),

fazendo, talvez, uma analogia com *persistência*. *Chuvência* é a chuva constante e perseverante que irrita o poeta, ou o “estado de chuva” a que o poeta está submetido:

“e a terra não sofrendo tal chuvência,  
comoveu-se a Divina Providência,”

O sufixo *-ido* é utilizado mais comumente na formação de particípio passado dos verbos de segunda e de terceira conjugação – *sofrido, vestido* –, podendo também ser encontrado com a significação de *derivado de: esverdido, acérido*. No poema, encontramos a criação neológica *chuvido*.

Ao criar o substantivo *chuvido*, Drummond não tem a intenção de utilizar o particípio como adjetivo, caso contrário teríamos a forma *chovido*. Também não utiliza o particípio do verbo *chubar*, o que resultaria na forma *chuvado*. Utilizar o sufixo diminutivo *-isco*, formando *chuvisco*, parece pouco, uma vez que o poeta quer mostrar a intensidade da chuva. Um *chuvisco* é uma chuva com pouca intensidade. Necessitando de uma palavra para designar aquela chuva que não parava nunca, Drummond cria *chuvido*, anexando à base *chuva* o sufixo *-ido* que, no contexto, nos transmite a idéia de intensidade.

“e era o mundo molhado e sovertido  
sob aquele sinistro e adro chuvido.”

#### 4. Considerações finais

Após essa análise, pode-se dizer que as criações lexicais literárias ou estilísticas se comportam de maneira diferente das demais criações. Apresentam apenas um valor expressivo naquele momento e naquele texto. Cumprido o seu papel expressivo, tendem ao esquecimento. Motivam-se a cada leitura. Dificilmente passam a integrar o léxico da língua. Entretanto, têm um valor enorme porque vêm mostrar que, além de a criação ter um fundo prático e necessário, ela também pode surgir como um simples valor expressivo, ou lúdico. O poeta, usando determinadas formações, consegue o que a maioria dos falantes de uma determinada língua não vai conseguir nunca, ou seja, arrancar lágrimas, suspiros, sorrisos e, enfim, a admiração do grande público. É aí que se percebe que a língua se presta, sim, à comunicação, mas também é através dela que se encontra espaço para a emoção.

Segundo Câmara Jr. (1985, p.63):

as criações literárias mostram, não obstante, quão fundo, na linguagem, penetra a atividade estilística e como os impulsos da manifestação e do apelo podem insinuar-se até nesse âmbito da consubstanciação lingüística dos conceitos, em que pela intuição intelectual se plasma o léxico da língua.

Quanto à sua significação, pode-se dizer que existe algo que lhes imprime determinada constância e impede seu emprego arbitrário. Trata-se de seu significado fundamental, composto pelo conjunto de semas dessa determinada palavra. Por mais complexa que seja a gama de variações semânticas, há sempre um núcleo semêmico que evita que se caia em uma incompreensão total de seu significado.

Essas criações são espontâneas e, por mais efêmeras que sejam, são inusitadas e, por isso, expressivas.

#### 5. Referências bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade: processos de neologismo*. São Paulo: Global, 1981.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Contribuição à Estilística Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

CRESSOT, Marcel. *Le style et ses techniques*. Paris: PUF, 1976.

GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.

KEHDI, V. *Morfemas do português*. São Paulo: Ática, 1990.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

MARTINS, Nilce Sant'anna. *Introdução à Estilística*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1997.

SAID ALI, M. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1964.